



RELIGIÃO E SEXO: DO CONTROLE NA IDADE MÉDIA E SUA HERANÇA NA CONTEMPORANEIDADE

Raphael Barros Leal¹
Flavio José Gomes Cabral²

RESUMO:

Tentar entender os por quês a Igreja controlou a sexualidade, de como a sociedade aceitou tais regras e se existe algo em nossa sociedade contemporânea é o objetivo deste trabalho. Em nossa sociedade falar sobre esse assunto é algo altamente natural. Não há nenhum órgão regulador de condutas que decreta sobre a ponto de vasculhar a vida íntima e o cotidiano dos casais. Quantas pessoas participam e o com o que e com quem não é um assunto que importa a coletividade social. Isso só é tratado de maneira diferente de acordo com a religiosidade da pessoa que pode chegar a determinar até que ponto isso é trabalhado tanto em família quanto em comunidade. Mas na Idade Média não era assim. Neste período o sexo fora mais do que nunca dura e ferrenhamente vigiado. Aproveitando-se de sua alta penetração nos meios sociais a Igreja Católica Apostólica Romana conduzia, ensinava e determinava o como, o onde, com quem e os fins em que as relações sexuais deveriam ser feitas entre os casais. As pessoas eram incentivadas a seguir tais determinações pela fé, pelo medo de ir ao inferno e serem renegados pelo cristianismo. O temor divino era altamente presente. Analisando os textos de vários autores que retratam o sexo no mundo medievo encontramos que para fugir de tal controle, algumas pessoas se mudavam para o interior ou até mesmo iam em direção de outras cidades que a Igreja não fosse tão presente, faziam relações as escondidas e muitas vezes se rompiam por completo com a igreja. Já num deslocamento de cinco séculos, notamos que valores medievais ainda se perpetuam em nossa sociedade. Podemos constatar que a religião ainda tem influência notória sobre o sexo, principalmente o conjugal. Sexo, pecado e religião são peças que sempre andaram juntas na construção das sociedades.

Palavras-chave: sexualidade, sociedade, igreja, comportamento.

ABSTRACT:

Trying to understand the whys the Church controlled the sexuality of how society has accepted these rules and if there is something in our contemporary society is the objective of

¹ Graduando em História pela Universidade Católica de Pernambuco; e-mail: leal_raphael@hotmail.com

² Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco (2008), Professor de História da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP); e-mail: gomescabral@uol.com.br



this work. In our society talk about this issue is a highly natural. There is no regulatory body that conducts decree on the point of searching the intimate and the everyday life of couples. How many people participate and with what and who is not an issue to be social collectivity. This is only treated differently according to the religiosity of the person who can get to determine how far it is working in both family and community. But in the Middle Ages was not so. During this period sex out more than ever, hard and fiercely guarded. Taking advantage of its high penetration in the social to the Roman Catholic Church led, taught and determined the how, where and with whom and the purposes to which sex should be made between the couples. People were encouraged to follow such determinations by faith, fear of going to hell and be disowned by Christianity. The fear was highly divine gift. Analyzing the texts of several authors that depict sex in the medieval world that we find to escape from such control, some people moved into or even going in the direction of other cities that the Church was not so present, the relationships were concealed and often completely broke with the church. Already a displacement of five centuries, we note that even medieval values are perpetuated in our society. We can see that religion still has noticeable influence on the sex, especially the marital relationship. Sex, sin and religion are parts that have always gone together in building societies.

Keywords: sexuality, society, church, behavior.

INTRODUÇÃO

A sexualidade é o tema que pode ser considerado um dos mais presentes em qualquer momento da história. Desde as simples pinturas rupestres até as expressões artísticas mais modernas dos dias atuais o homem registra as maneiras, as formas, com quem e com o que ele pratica sua sexualidade e como ela se faz presente na sociedade. Em nossa contemporaneidade, há uma grande liberdade de conversar e até mesmo de se colocar em pratica esta. Mas nem sempre foi assim. No período da Idade Média, este ato fora controlado e bem vigiado pela Igreja Católica Apostólica Romana. Todas as libertinagens originadas do recém caído Império Romano e dos povos bárbaros foram colocadas em xeque. Todos os clérigos tanto convocavam os fiéis a seguirem as novas condutas que eram baseadas em passagens bíblicas e dos exemplos dos santos quanto os estimulavam a praticar vigília da vida alheia. Fora uma fase em que o ato sexual era algo extremamente mecânico e que não proporcionava prazer quase algum. Algumas pessoas podem tentar dizer que estes fatos não



existem mais em nossos dias. Enganam-se os que assim pensam. Mesmo num momento de grande abertura tanto de conhecimento quanto de diálogo, carregamos em nossa bagagem cultural e praticamos sem perceber muitos dos usos e costumes medievais. Podemos até dizer que a vigília do fazer sexo contemporâneo é o mesmo que existia no mundo medieval, só que numa roupagem que não constrange nem assusta aos cidadãos modernos.

SEXUALIDADE NA IDADE MÉDIA

Antes do surgimento do cristianismo já existiam nas chamadas culturas pagãs tentativas de controlar a libido humana. As defesas por uma vida mais uniforme, controlada e em harmonia com a natureza e a racionalidade eram a máximas destas sociedades. Para que atingisse este modo de vida, o homem teria de se afastar mais dos prazeres materiais, sexuais. Estes eram considerados os impulsos que animalizavam os homens e faziam com que ele se igualasse com os animais. Viver uma vida em que o centro da relação entre homem e mulher era somente a sexualidade era considerado de caráter animal, pois eles quando estavam em períodos de cio buscavam uma fêmea para saciar a sua vontade carnal.

No ano de 392 d.C. o cristianismo é colocado como religião oficial de Roma pelo imperador Teodósio e aos poucos vai se consolidando e se enraizando na mentalidade e nos costumes dos cidadãos romanos. Após a queda do Império é a igreja que se torna o baluarte e rocha ao quais homens e mulheres se apegam como conservadora do modo de viver romano é nela que eles se firmam e tem como farol de seus antigos valores. Com isso os clérigos conseguem adquirir prestígios e a confiança dos que os cercavam. Ganhando um espaço que eles preenchiam com a fé e impondo valores cristãos após terem se firmado socialmente e psicologicamente. Assim poderiam combater antigos costumes presentes na sociedade romana que não eram bem vistos pela igreja. E a maior dentre elas era a prática desenfreada e absurdamente depravada do sexo. Como fazer com que a sociedade fosse de certa forma educada? Como fazer que a pureza cristã fosse realmente presente numa sociedade que estava corrompida pela carne? Essas eram as perguntas maiores que o alto clero se fazia. Mas como poderia afastar do homem um momento em que o prazer era presente em sua vida?

Dentre alguns dos valores que a igreja semeava em sua seara de fiéis podemos ressaltar: a virgindade, a castidade e o matrimônio. (FRANCO JUNIOR. 2006: 127-128)



Dentro da virgindade todos eram conduzidos a imitar a vida de Cristo e a de sua mãe Maria. Ambos eram utilizados como exemplos de um afastamento aos desejos carnis ao que foram recompensados por Deus. Maria era assim a genitora do messias, um exemplo de que o ser humano poderia ser sim escolhido pelo divino amor de Deus e ser assim um exemplo de alegria e que saborearia no paraíso das benesses do Pai. Já Cristo encarnação do verbo e filho de Deus, a perfeição humana. É a esta perfeição que todos eram conduzidos pelos exemplos que estavam relatados no sagrado livro.

Já a castidade era alimentada pelos exemplos dos santos que largavam seus lares e seus casamentos para viver uma vida de santidade. Um homem ou uma mulher que assim seguisse estes exemplos, que eram encontrados nas hagiografias, poderiam carregar a certeza de que teriam uma vida plena e farta das mais belas e infinitas bênçãos celestiais. Afastar-se do pecado tornaria o homem cada vez mais próximo de Deus.

E o matrimônio era a tecla mais batida pela igreja. Um homem que quisesse ter uma vida sexual correta e sagrada deveria escolher uma mulher e tomá-la como esposa. E após as bênçãos devidas tomava a posse dela e seguia mais algumas regras que deveriam nortear as noites do casal. Como dizia São Paulo em sua carta aos coríntios *“É melhor casar do que abrasar-se”*.

Mesmo se parecendo como belos conceitos de vida estes tinham algo por trás. Não eram somente valores, mas sim ferramentas aos quais foram utilizadas de maneira violenta para não só limitar a sexualidade e suas expressões diversas como também para adestrar e castrar os casais em seus momentos íntimos.

Tais valores não foram bem aceitos pelos fiéis. Essa interferência que a igreja estava propondo em suas vidas privadas estava fazendo com que mais e mais pessoas se afastassem dos centros eclesiásticos. Tais centros eram as cidades que tinham supervisionamento de bispos e de mosteiros que com sua influência podiam facilmente controlar todas as vidas dos campesinatos. Obviamente que a igreja via este fato como algo que deixava bem claro que estas pessoas não eram verdadeiros cristãos e que viviam em pecado, e que era utilizados nas missas como maus exemplos. Segundo a Igreja esse afastamento dava início a uma vida pagã.

Não foram somente os que viviam nos campos que além de não aceitar resistiam às regulamentações vindas da igreja. A aristocracia rejeitava não pela privação de suas vontades



carneis, mas sim pela privação financeira. Pois seus casamentos era todos voltados para os interesses e a continuidade de uma linhagem que herdasse os bens.

No século XII mais alguns pontos que eram relacionados à educação sexual foram colocados para a sociedade enfrentando obviamente muitas dificuldades. Falava agora da união heterossexual. O matrimônio só poderia ocorrer entre pessoas de sexos opostos. Em hipótese alguma dois homens ou duas mulheres poderiam se unir, já que estes casais nunca poderiam gerar um filho, tendo em vista que o casamento também tinha como objetivo a perpetuação da humanidade e isso eram vistos como graças divinas.

Começou a se perseguir e condenar a bestialidade. Ou seja, a existência da relação sexual entre homens e animais. Isso era algo muito natural durante a Idade Média, mas os religiosos viam isso como uma atitude não humana e irracional. Uma verdadeira violência ao animal que não fora criado para essa finalidade. Isso seria contra a sua natureza e a ordem divina.

Homossexualismo mesmo às vezes presente do próprio clero era perseguido e combatido com veemência. Sodoma e Gomorra eram os exemplos de cidades que viviam em estado de devassidão. Mas antes de tudo Deus ainda dá chances de se encontrar alguém puro. Mas não se encontra e com isso sucumbiu. Neste período era visto como pecado tanto o fato da pessoa ser homossexual quanto praticar homossexualismo. Essa prática era também muito comum entre alunos e entre professores e alunos. Em Montaigne um povoado occitânico, por exemplo, podemos encontrar o seguinte depoimento em relação a homossexualismo:

Eu tinha então dez a doze anos. Foi há cerca de vinte anos. Meu pai me colocara para aprender gramática com meu mestre Pons de Massabucu, mestre-escola, e que mais tarde se tornou dominicano. Eu dividia o quarto com esse mestre Pons e com seus outros alunos, Pierre de l'Isle (de Montaigu), Bernard Balessa (de Pamiers) e Arnaud Auriol, filho do cavaleiro Pierre Auriol. Esse Arnaud era de La Bastide-de-Sérrou; já fazia a barba e agora é padre. Havia também meu irmão Bernard de Verniolles e outros alunos cujos nomes esqueci. No quarto comum do mestre e dos alunos, dormi durante umas boas seis semanas na mesma cama que Arnaud Auriol... Na quarta ou quinta a noite que passávamos juntos, como Arnaud pensasse que eu estava em pleno sono, começou a me abraçar, a meter-se entre minhas coxas... e a mover-se como se eu fosse uma mulher. E continuou a pecar assim todas



as noites. Eu ainda não passava de uma criança, isso me desagradava. Mas, tomado de vergonha, não ousei a revelar esse pecado a ninguém.³

Em relação ao matrimônio, quando no Novo Testamento no livro de Mateus se diz que homem e mulher deixarão suas casas para se tornarem uma só carne e que o homem não separe que Deus uniu aí está exposto ao que se refere Indissolubilidade do Casamento. Nada nem ninguém tinham o poder de fazer com que um casal após terem recebido o sacramento do matrimônio se separasse. A igreja medieval só aceitava separação de casamentos quando ele não ocorria fisicamente (não havia ainda ocorrido à união carnal), quando era realizado entre, em casos de bigamia e quando a traição era praticada pela mulher. O temor de dar à luz a um filho que não fosse legítimo correspondia a uma preocupação geral muito presente na cultura medievá. Na occitânia, essa preocupação era bastante forte na nobreza. Ter um filho bastardo avistava a mulher, a sua raça e o ventre do qual ele saíra. Essa preocupação era uma das razões que os poetas propunham por vezes modelos platônicos do amor extraconjugal. Com isso eles pregavam que a castidade cariciosa dos que se deitavam na mesma cama, não precisava reear uma gravidez indesejada. As mulheres sempre eram as que sofriam com a bigamia. Sendo assim bem visível à característica altamente machista colocada em prática. (LE ROY LADURIE. 1997:217)

Mesmo com este arcabouço ao redor da união matrimonial, ela ainda não era obrigatória entre os cristãos. Somente no século XVI no ano de 1545 é que o casamento se torna obrigatório pelo Concílio de Trento que fora convocado pelo Papa Paulo III. Os cânones que foram elaborados sobre o tema eram retaliativos. Do cânon 971 ao 982 a pena que era dada a quem de colocasse contrário ao que estava exposto seria a excomunhão. E este casamento só era realizado e bem aceito pela sociedade se fosse entre dois cristãos. De maneira alguma um cristão casaria com uma não-cristã. Se assim procedesse colocaria em risco sua reputação na cidade e nas circunvizinhanças. (LE ROY LADURIE. 1997:228)

Depois de ditar como seria o que se referia à sexualidade no seu entorno, veio então o quando e como o sexo deveria ser feito. Domingos, dias santos e da quaresma eram dias em que a prática sexual era proibida. Durante o ano havia, sem contar os dias de menstruação, gravidez,

³ LE ROY LADURIE, Emmanuel. Montaignou, povoado occitânico: 1294-1324. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. pág. 184-185



amamentação e abstinência, 180 dias sem sexo durante o período da alta Idade Média. As pessoas que quebrassem estas regras passariam 40 dias em jejum alimentar e ou sexual além das penitências.

O sexo somente vaginal com fins de procriação, a mulher deveria ficar debaixo do homem para evitar a visão da nudez. Sexo oral, sodomia, abortos, incestos, adultério eram considerados atos abomináveis. Eram passíveis a excomunhão e a interdição perpétua de qualquer casamento e de relação sexual.

Por diversas formas, em diversas camadas e pelos mais variados motivos, a igreja pressionava aqueles que iam de contra seus valores. Independente de classe social todos que se colocavam em seu caminho eram rechaçados, excomungados e coagidos pelas penitências.

SEXUALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

A influência da igreja em nossa sociedade ainda é muito presente. Seu controle em relação à sexualidade é forte da mesma forma de como era na Idade Média. Quando se vai a uma cidade do interior, é comum se escuta que se um homem engravidar uma mulher ou que para o casal dormir junto tem de casar. São tradições que nossos avôs até hoje perpetuam. Considerado como valores ultrapassados eles ainda norteiam muitas famílias, principalmente as católicas tradicionais.

Em relação ao matrimônio, no Código do Direito Canônico. O direito canônico é o conjunto das normas que regulam a vida na comunidade eclesial. Diferentemente do direito romano, que disciplinava as relações no Império romano, o direito canônico está diretamente relacionado ao cotidiano de todos os católicos. Vemos que durante a Idade Média, o casamento era indissolúvel e que somente se houvesse traição da esposa, bigamia e se fosse com parentes próximos ele seria anulado. Estes motivos caíram por terra. Antes de tudo temos no cânon 1141 que nenhuma autoridade humana pode separar um casal depois do casamento realizado. (IGREJA CATÓLICA. 2005: 289) Mas no cânon seguinte temos o seguinte:

1142 O matrimônio não consumado entre batizados, ou entre uma parte batizada e outra não-batizada, pode ser dissolvido pelo Romano Pontífice



por justa causa, a pedido de ambas as partes ou de uma delas, mesmo que a outra se oponha.⁴

Ou seja, da mesma forma que em tempos medievais, o casamento se não for consumado (não houver o ato sexual), poderá ser dissolvido pelo Papa. E mesmo a contra gosto de um dos cônjuges.

Temos também o Catecismo da igreja católica. Trata-se de um texto de referência, com o qual se pode conhecer o que a Igreja professa e celebra, vive e reza em seu cotidiano. Ele foi organizado de maneira a expor em linguagem simples os elementos fundamentais e essenciais da fé cristã segundo ela. Nele em relação à sexualidade encontramos como ela deverá ser praticada somente dentro do matrimônio. Fazendo com que ela seja um sacramento bento. Uma aliança não somente entre o casal, mas como entre o casal e o criador.

A sexualidade está ordenada para o amor conjugal entre o homem e a mulher. No casamento, a intimidade corporal dos esposos se torna um sinal e um penhor de comunhão espiritual. Entre os batizados, os vínculos do matrimônio são santificados pelo sacramento.⁵

Quando se deixa explícito que a sexualidade está ordenada para o homem e a mulher, mais claro fica que as proibições das relações sexuais com animais, ou como conhecemos hoje como zoofilia, ainda são existentes só que aparecem de uma maneira menos agressiva no catecismo.

Os atos com os quais os cônjuges se unem íntima e castamente são honestos e dignos. Quando realizados de maneira verdadeiramente humana, significam e favorecem a mútua doação pela qual os esposos se enriquecem com o coração alegre e agradecido.⁶

E ainda quando ele afirma que deve ser feito de forma verdadeira humana, honestos e dignos é justamente o reforço a condenação a prática da bestialidade que ele se refere.

⁴ IGREJA CATÓLICA. Código De Direito Canônico/ Código De Direito Canônico / Promulgado Por João Paulo II, Papa ; Trad. Conferencia Nacional Dos Bispos Do Brasil ; Notas, Comentários E Índice Analítico Pe. Jesus Hortal, Sj. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005. Pag. 289

⁵ CATECISMO da igreja católica. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2000. Pag. 611

⁶ CATECISMO da igreja católica. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2000. Pag. 612



Atos como a masturbação, a fornicação, a pornografia e as práticas homossexuais ainda são condenados pela igreja e considerados pecados gravíssimos. É no artigo 2396 que estas atitudes são condenadas. Tem-se de deixar claro que a igreja não condena o fato da pessoa ser homossexual. O que ela condena é a consumação de práticas homossexuais que tenham a relação sexual como cerne.

CONCLUSÕES

Podemos dizer que a igreja é a instituição mais presente até hoje na construção da história da humanidade. Independente dos fatos ela vem acompanhando e moldando as mentalidades até hoje. Por quase mil anos ela transformou o corpo num dos locais onde foram travadas batalhas entre a santidade e o pecado. Homens, mulheres, jovens, adultos, crianças e velhos todos reprimidos e coagidos de maneiras bruscas e até mesmo violentas para serem privados dos prazeres e delícias do sexo. Excomungados, penitenciados, queimados, marginalizados eram as sentenças que os que persistiam a levar uma vida de acordo com suas escolhas. Mesmo tendo passado estes tempos em que os padres tinham poder pleno, mesmo chegando aos dias atuais e que seus campos de ação diminuíram em grande parte, podemos ver que a influência e a muito da mentalidade medieval ainda é preservado em muitas famílias. Apesar da relutância da sociedade em negar que seguem algum parâmetro determinado pelo cristianismo católico, ele é colocado em prática sem se conhecer bem a origem. Então podemos dizer quem na contemporaneidade existe sim muito dos valores medievais. Que eles ainda controlam e influenciam em muito no comportamento do homem moderno e que será muito de se desvencilhar deles.

REFERÊNCIAS

LE ROY LADURIE, Emmanuel. *Montaillou, povoado occitânico: 1294-1324*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 576 p.

HAUCOURT, Geneviève d'. *A vida na idade média*. Lisboa: Livros do Brasil, 1944. 153 p.

FRANCO JUNIOR, Hilário. *A idade média: nascimento do ocidente*. Ed. rev. e ampl. São Paulo: Brasiliense, 2006. 201 p.



IV Colóquio de História

*Abordagens Interdisciplinares sobre História da Sexualidade
de 16 a 19 de novembro de 2010 - UNICAP*

LE GOFF, Jacques / TRUONG, Nicolas. Uma história do corpo na Idade Média. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1ª Edição - 2006. 207 p.

"Concílio Ecumênico de Trento" MONTFORT Associação Cultural
<http://www.montfort.org.br/index.php?secao=documentos&subsecao=concilios&artigo=trento> (=bra
Online, 04/11/2010 às 12:45h

IGREJA CATÓLICA. Código De Direito Canônico/ Código De Direito Canônico / Promulgado Por João Paulo II, Papa ; Trad. Conferencia Nacional Dos Bispos Do Brasil ; Notas, Comentários E Índice Analítico Pe. Jesus Hortal, Sj. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005. 503 p

CATECISMO da igreja católica. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2000. 934 p